

# TIGRE das NEVES

*Autobiografia do sherpa Tenzing do Everest*

Condensação do livro\* Escrito em colaboração com  
**JAMES RAMSEY ULLMAN**

“Foi uma longa jornada do sopé ao cimo do Everest”, diz Tenzing. “Do carregador maltrapilho ao portador dum casaco com uma porção de medalhas, que é transportado para cá e para lá em aviões e se preocupa com o impôsto de renda.”

Aqui está a história do famoso escalador sherpa que galgou o Himalaia com os franceses, os suíços e os ingleses e, finalmente, chegou ao telhado do mundo com Sir Edmund Hillary.

\* “*Tiger of the Snows*”, copyright, 1955, de Tenzing Norgay e James Ramsey Ullman, editado por G. P. Putnam’s Sons, New York 16, N.Y., E.U.A. Fotografias usadas para as ilustrações das páginas 166, 168 e 182, copyright de RGS e do Alpine Club da Inglaterra.

## TIGRE



## das NEVES

**E**U SOU um sherpa, homem simples das montanhas, do grande Himalaia. Sou um homem de sorte. Tinha um sonho e êle se realizou, coisa que não acontece aos homens com freqüência. Subir ao Everest, que a minha gente chama Chomolungma—chegar ao telhado do mundo era o que eu mais desejava na vida. Finalmente, na sétima tentativa, foi-me dado consegui-lo e por isso dou graças. “*Tuji che*”, como nós dizemos em sherpa, “eu me sinto grato.” Assim, dedico a minha história ao Chomolungma, que me deu tudo.

Nasci em Solo Khumba, no Nepal, provavelmente em 1914 (a nossa língua não tem forma escrita nem anais). Nunca aprendi a ler nem a escrever em qualquer idioma, embora fale muitos atualmente, mas desde a meninice sonhei com lugares distantes e grandes viagens.

Quando eu era ainda criança, exploradores e caçadores ingleses começaram a contratar sherpas como carregadores e ajudantes para expedições ao alto Himalaia. Não tardou que o nosso povo conquistasse a reputação de ser o melhor de todos os

montanheses, a qual temos conservado com orgulho até ao presente. Mas a palavra sherpa *não* quer dizer carregador, como tanta gente pensa. Os sherpas são uma tribo, um povo. Pertencemos à raça mongólica e habitamos, uns 100.000 ao todo, os contrafortes do Himalaia.

Em 1921, 1922 e 1924, quando tiveram lugar as três primeiras expedições famosas ao Everest, muitos sherpas acompanharam os exploradores. Voltaram com tôda a sorte de histórias fascinantes sôbre homens brancos de lugares longínquos, que usavam grandes botas, vestiam roupas estranhas e subiam até ao céu. Everest, Everest . . . todos falavam sôbre o Everest . . . e foi então que ouvi o nome pela primeira vez.

—Que é Everest?—perguntei.

—É o mesmo que Chomolungma—responderam-me.—Os estrangeiros dizem que é a montanha mais alta do mundo.

Chomolungma, dizem, significa “Deusa Mãe do Mundo”. Mas quando eu era menino e a via erguer-se céu adentro para os lados do norte, a menos de um dia de marcha da minha

casa, significava “A Montanha Tão Alta Que Nenhum Pássaro Pode Sobrevoá-la”. Era isso que as mães sherpas costumavam dizer aos seus filhos . . . e o que a minha mãe dizia.

Eu era o décimo primeiro de 13 filhos e passei a maior parte da minha meninice guardando o grande rebanho de iaques que nos fornecia lã para a roupa, couro para os sapatos, estêrco para o combustível, e leite, manteiga e queijo para o alimento. A nossa religião budista nos proíbe de comer a carne. Como a maioria dos sherpas, morávamos numa casa de pedras de dois andares, sendo o de baixo para os animais e o de cima para nós. Ainda me lembro dos cheiros de inverno: o vapor que subia dos animais apinhados no andar térreo fechado, e do ruído, dos maus cheiros e da fumaça, quando a nossa família, quase igualmente numerosa se aglomerava no andar de cima. Vivíamos, porém, felizes e satisfeitos, porque não conhecíamos nenhum outro modo de vida.

Enquanto os iaques pastavam nas encostas da montanha ao lado das geleiras—eu costumava levá-los até a 5.500 metros de altitude—muitas vezes ficava a olhar com anseio para as grandes montanhas que se erguiam a grandes alturas acima de mim. Makalu, Lhotse, Nuptse, Ama Dablam, Guarisânkar, Cho Oyu e centenas de outras. E acima de tôdas elas, Chomolungma—o Everest. “Nenhum pássaro pode sobrevoá-la”, dizia a história. Mas eu comecei a sonhar em escalá-la.

TINHA 21 anos quando arranjei o meu primeiro trabalho como escalador. Fui escolhido em 1935 para acompanhar a expedição ao Everest dirigida pelo inglês Eric Shipton. O trabalho era pesado. Entre os acampamentos inferiores, carregávamos de 30 a 40 quilos às costas; acima deles, uns 25 quilos. E não era uma vez só. Tínhamos que subir e descer, subir e descer, durante semanas até transportar tôdas as toneladas de abastecimentos. Mas, como todos os sherpas, eu estava acostumado a carregar pesados fardos.

Sendo a minha primeira expedição, muitas coisas eram novas para mim. Forneceram-nos roupas, botas e óculos escuros protetores. Comíamos comidas estranhas tiradas de latas. Usávamos fogareiros de pressão, sacos de dormir e tôda a espécie de coisas que eu nunca tinha visto até então. É no modo de escalar, eu também tinha muito que aprender. Neve e geleiras não tinham nada de novo para um rapaz que fôra criado em Solo Khumbu, mas então pela primeira vez aprendi as verdadeiras técnicas do alpinismo: a usar uma corda, a abrir degraus com um machado, a instalar e levantar acampamentos, a escolher rotas que não são apenas mais rápidas, mas também seguras.

Como aprendiz de carregador, não me confiavam tarefas de muita responsabilidade. Mas trabalhava muito, procurava ajudar e creio que os *sahibs* gostavam de mim. Como a altitude não me afetasse, fui um dos sherpas que carregaram os abasteci-

mentos até 6.700 metros, que foi até aonde a expedição chegou. Dessa altura, o resto dos sherpas ficou muito contente de voltar. Mas eu desejava subir mais ainda pela montanha. No Everest, eu não conseguia pensar em outra coisa.

“Bem”, disse cá comigo, “você tem apenas 21 anos. Haverá outras expedições. E não tardará que você seja um verdadeiro Tigre. . . .”

Houve muitas expedições durante os anos seguintes—não só ao Everest, como também a outras montanhas da vasta cordilheira do Himalaia, duma extremidade à outra da Índia. Tornei-me de fato um Tigre, título oficial que os ingleses dão aos sherpas que sobem mais alto, de modo que eu era sempre procurado toda a vez que as expedições tinham necessidade de ajudantes sherpas.

E então, em 1952, chegou o grande dia em que eu tive a notícia de que os suíços planejavam uma nova expedição ao Everest e me queriam como *sirdar* isto é, chefe oficial de todos os sherpas.

MUITAS PESSOAS não compreendem bem o que *faz* um sherpa numa expedição. Antes de tudo somos transportadores de fardos. A verdade é que nós

nos orgulhamos de carregá-los maiores, mais longe e mais alto do que quaisquer outros homens no mundo. Ao contrário da maioria da gente simples, não sentimos medo das montanhas e temos carregado fardos em cataratas geladas e geleiras, subindo espinhaços e precipícios, através de tempestades de neve e avalanchas, até ao máximo da resistência humana. Os sherpas assentaram os acampamentos mais altos de tôdas as expedições importantes da história himalaica no século XX. Em muitos casos, temos ido com os nossos *sahibs* até ao cimo.

E não é só isso o que fazemos. Através dos anos, aprendemos muito sobre os métodos e técnicas do alpinismo, a tal ponto que estamos hoje em condições de ajudar em outros sentidos, como a encontrar rotas e a

escolher locais para acampamento. Além disso, achamos que é nosso dever cuidar dos nossos *sahibs*. Cozinhamos para eles, servimos-lhes chá, cuidamos do seu equipamento e providenciamos para que estejam confortavelmente instalados em suas tendas. E fazemos estas coisas não com espírito servil, mas como bons companheiros, pois é o trabalho que desejamos fazer e



Tenzing aos 39 anos, pouco antes de sua sétima escalada do Everest

que nos agrada. Acima de tudo não somos cules, e há muito tempo que ninguém nos chama assim. Não é raro se ler: “Os cules locais foram dispensados, mas os sherpas continuaram.”

Escolhi 13 homens aptos e no princípio da primavera—“época das expedições” para todos os sherpas escaladores—partimos ao encontro dos nossos *sahibs* em Katmandu, capital do Nepal. As expedições de antes da guerra haviam sempre procurado atingir o Everest pelo norte, através do Tibete. Mas por êsse tempo, os comunistas chineses haviam fechado o Tibete às expedições ocidentais, de modo que os suíços, como tôdas as outras expedições, iam tentar a escalada pelo sul, através do Nepal.

O homem mais notável do grupo suíço era o guia profissional Raymond Lambert, veterano de muitas escaladas dos Alpes. Não tardou a se tornar o meu companheiro das alturas e o mais íntimo dos amigos. Os sherpas gozavam da camaradagem de todos os suíços e gostavam mais dêles do que de quaisquer outros ocidentais, mas foram especialmente cativados pela simpatia de Lambert. Quando nos detivemos no Mosteiro de Thyangboche, a 3.700 metros, os lamas serviram-nos o chá tibetano, cheio de manteiga de iaque, rançosa e salgada. Poucas vêzes vi um ocidental que fôsse capaz de engolir grande quantidade dessa bebida. Mas enquanto os outros *sahibs* bebiam o menos que podiam, engulhados e fa-

zendo todo o possível para não ofenderem os seus hospedeiros, Lambert não somente bebeu todo o seu chá, como tomou, sorrindo, as chávenas de seus companheiros e esvaziou-as tôdas.

Em 22 de abril estabelecemos o nosso acampamento-base na Geleira de Khumbu, a 5.050 metros de altitude. Bem à nossa frente, ao norte, a geleira terminava numa grande muralha de neve e gêlo. E no alto da muralha ficava o passo de Lho La, que nos separava do Tibete. Para a direita, uma grande massa de gêlo rebentado, conhecida como a catarata gelada, descia até à geleira através de uma estreita passagem entre as paredes do Everest e do Nuptse. Era ali que os inglêses haviam tentado e falhado no ano anterior, onde nós íamos tentar agora . . . e ser bem sucedidos.

Entrei lentamente na catarata gelada. Era como escolher caminho através duma floresta branca. E era perigoso também, uma vez que por tôda a parte havia tôrres de gêlo que poderiam desabar sôbre a gente e fendas profundas ocultas pela neve, onde se poderia cair. Apesar disso, continuamos subindo, subindo.

E então, quase no alto da catarata gelada, chegamos à grande fenda que detivera os inglêses no ano anterior. Era uma coisa assustadora, não havia dúvida—tão larga que nenhum homem poderia transpô-la de um salto, tão profunda que não se lhe podia ver o fundo, e estendendo-se de um lado ao outro da catarata.

## SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Os suíços começaram a andar ao longo de toda a beira, examinando-a palmo a palmo. Calcularam que, talvez, um homem pudesse atravessá-la balançando-se numa corda, e um dos mais jovens escaladores foi descido às profundezas para tentá-lo. Não foi possível, porém. Como um pêndulo, êle conseguiu balançar-se de um lado a outro, contudo, não pôde segurar-se em parte alguma no gelo liso do lado oposto e, depois de vários choques nas paredes da fenda, viu-se obrigado a desistir.

Mas os suíços acabaram descobrindo um meio. Numa parte da fenda, uns 20 metros abaixo, encontraram uma espécie de prateleira ou plataforma pela qual um homem talvez pudesse atravessar. De novo o valente e jovem suíço fez a tentativa. Desta vez conseguiu atravessar, e lentamente, usando o machado e a corda, foi subindo até que surgiu na borda mais alta.

Naquela altitude, o perigosíssimo trabalho fôra tão exaustivo que durante vários minutos êle teve de ficar estendido em cima da neve para recuperar o fôlego e as forças; mas tão pronto se restabeleceu, *tudo* se resolveu facilmente. E isso por que com um homem do outro lado não havia mais qualquer problema. A corda foi amarrada de um lado e do outro. Outras cordas foram jogadas e construiu-se uma ponte de corda. Não tardou que a travessia da fenda se tornasse uma coisa fácil para homens e fardos. Foi uma grande vitória, pois fomos os primeiros de todos os



perfeição em  
cada ponto...

# ELGIN

A máquina de  
costura de fama  
mundial



Escritório Central :  
Caixa Postal 4575  
São Paulo



**20 anos  
de garantia**

## TIGRE DAS NEVES

homens a entrar no Vale Ocidental, que os suíços haviam batizado de O Vale do Silêncio.

No ACAMPAMENTO TRÊS, que estabelecemos a cêrca de 6.000 metros, alguns dos suíços começaram a sentir a rarefação do ar. Lembro-me de que uma noite êles ficaram sentados, conversando a respeito, e alguém disse que não devia haver motivo para preocupação, que todo o mundo se sentia mal enquanto não se aclimatava . . . até mesmo os sherpas.

—Exceto êste—disse outro, apontando para mim.

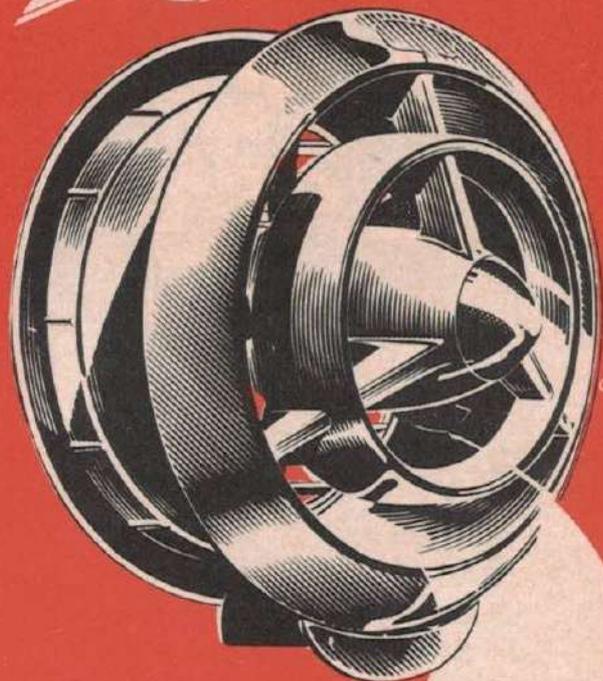
—Oh, êsse? Êle tem três pulmões! —observou um terceiro.—Quanto mais alto sobe melhor se sente!

Todo o mundo riu e eu ri também. Mas o estranho é que era verdade. Eu acho que *sou* mais adaptado às alturas do que a maioria dos homens. Subo com ritmo natural e nunca sofri um acidente grave numa montanha. Dizem os médicos que a batida do meu coração é muito lenta. Os lugares altos são o meu habitat.

Durante três semanas avançamos lentamente através do Vale Ocidental. Estabelecemos o Acampamento Cinco a uns 6.900 metros, deixando uma ascensão de mais de 900 metros até ao Desfiladeiro Meridional, ponto de partida de qualquer tentativa para atingir o cume. Quando terminamos a escalada do Desfiladeiro, todos os recursos da expedição haviam sido organizados para ajudar os quatro escaladores que deveriam subir acima dêsse pon-

# o exaustor

# Contact



**ajuda**

**a conservar**

**sua cozinha**

**limpa e**

**agradável...**

...porque extrai  
a fumaça, os vapores  
gordurosos e o cheiro  
das frituras

**um produto Contact**

to: dois suíços se emparelharam, ficando eu fazendo par com Lambert.

Tenho estado em muitos lugares bravios e desolados em tôda a minha vida, mas nunca num lugar como o Desfiladeiro Meridional. Situado a 7.880 metros de altitude, entre os últimos picos do Everest e do Lhotse, é nada mais que uma planície fria de rocha e gelo, através da qual o vento ruge continuamente. Já havíamos atingido quase uma altura como a de qualquer montanha até então escalada, mas a aresta do cume do Everest elevava-se muito acima de nós, como se fôsse por si só outra montanha.

Depois de passarmos uma noite de extremo desconforto, durante a qual eu e Lambert compartilhamos uma tenda e fizemos o melhor que pudemos para nos aquecermos um ao outro, protegendo-nos do vento ululante, partimos cedo no dia seguinte. Os dois suíços iam numa corda e eu e Lambert em outra. Fomos subindo, subindo—desde o desfiladeiro, ao longo da íngreme encosta nevada até à base da aresta meridional, e depois pela própria aresta, hora após hora. O céu estava claro e a própria montanha nos protegia contra o vento oeste, mas a escalada era muito lenta. Tínhamos conosco apenas uma tenda e comida suficiente para um dia. Cada um de nós carregava também um pequeno reservatório de oxigênio.

A uns 8.400 metros paramos. Tínhamos subido o máximo que podíamos naquele dia. Nossos amigos, que vinham atrás de nós, alcançaram-nos, e decidiu-se que eu e Lambert fica-

ríamos e êles dividiriam conosco o resto de sua comida, voltando daquele ponto. Na manhã seguinte, se o tempo continuasse bom, faríamos a nossa tentativa para alcançar o cume.

Em breve, os nossos amigos eram duas manchas minúsculas lá embaixo e desapareceram

Não foi possível dormir. Mas nós tampouco queríamos dormir. Se jazêssemos imóveis, sem os nossos sacos de dormir para proteger-nos, provavelmente morreríamos congelados. Assim, dando-nos tapas e esfregando-nos continuamente, as horas foram passando lentamente, até que, por fim, uma débil claridade cinza penetrou na tenda. Rígidos e frios, arrastamo-nos para fora. Com um piscar de olho, Lambert apontou com o polegar para o espinhaço acima de nós, e eu acenei com a cabeça e sorri.

Com as mãos entorpecidas como estávamos, parecia-nos que levávamos horas a prender os *crampons*.\* Mas finalmente estávamos a caminho. Para cima . . . para cima . . . muito lentamente, quase engatinhando . . . três passos e uma parada, dois passos e uma parada, um passo e uma parada. Após quatro horas nessa marcha, o tempo piorou, trazendo ondas de nevoeiro e neve tocada pelo vento. Ficamos tão cansados que tínhamos de avançar agora de quatro.

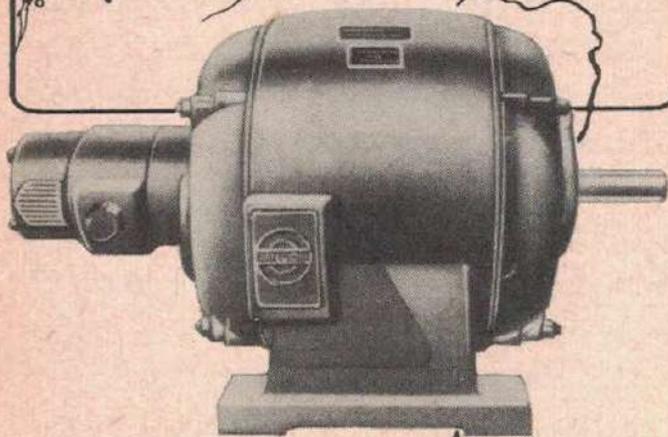
Por fim paramos e não nos mexemos mais. Lambert ficou imóvel, agachado no vento e na neve e eu compreendi que estava procurando

\* Ganchos que se atarracham aos sapatos para subir um monte ou uma escarpa.

**Dinamos e  
alternadores  
até 1.000 KVA**

# MILTON

**DÃO MAIS FÔRÇA  
À PRODUÇÃO  
DO BRASIL**



Nova lista  
de preços

Condições especiais  
para revendedores

**Em estoque  
Pronta entrega**

**Catálogo grátis**

## **MILTON & VARADY**

Rua Camé, 221 - Tel: 9-5695  
End. Tel. "Wadyra" - São Paulo

Norton - 9.504

### SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

tomar uma decisão. Tentei pensar também, mas era ainda mais difícil pensar do que respirar. Olhei para baixo. Tínhamos subido quase 200 metros na vertical e leváramos cinco horas para isso. Olhei para o alto. Lá estava o cume meridional, ainda uns 150 metros mais acima de nós. Não *o cume*. Apenas o cume meridional. E além dêle . . .

Eu creio em Deus. Creio que nos momentos mais difíceis dos homens Êle algumas vêzes diz o que fazer, e o disse então a Lambert e a mim. Podíamos ter ido mais longe. Talvez pudéssemos ir até ao cimo. Mas não poderíamos descer, tenho a certeza. Continuar significaria a morte . . .

Atingíramos uma altitude de 8.605 metros, talvez a mais próxima que o homem já havia chegado do tampo do Everest, e possivelmente a maior altura que alguém já escalara em todo o mundo. Tínhamos empregado todo o nosso esforço e não fôra suficiente. Voltamos de onde estávamos, sem falar. Pelo longo espinhaço abaixo, passando o acampamento alto, novamente pelo espinhaço, ao longo da encosta nevada. Lentamente . . . lentamente. Descendo . . . descendo, descendo sempre.

Fôra um grande esforço.

E eu tinha conquistado um grande amigo.

DURANTE muitos anos havia-se falado de subir ao Everest no outono. A idéia, porém, nunca fôra posta em prática antes de 1952. Meus amigos suíços não puderam esperar até à

## TIGRE DAS NEVES

primavera seguinte, porque para eles não haveria primavera seguinte: o Govêrno do Nepal tinha prometido o Everest aos ingleses para 1953. De modo que tivemos outra oportunidade no outono . . . eu e Lambert.

De novo assentamos o acampamento-base perto da cabeceira da Geleira de Khumbu e começamos a subir pela catarata gelada. Tinha mudado muito durante o verão, de modo que tivemos de procurar nova rota. Com a experiência que já tínhamos dela, entretanto, não foi tão difícil como antes. Além disso, estávamos preparados para as fendas. Tínhamos levado toras e tábuas, que utilizávamos como pontes através das fendas grandes no gêlo, e para a grande fenda perto do cimo da catarata tínhamos uma longa escada que tornou tudo fácil.

De modo que, durante algum tempo, tudo correu bem. Mas a 760 metros do lugar que atingíramos antes encontramos uma temperatura de 34 graus centígrados abaixo de zero e o vento soprava ininterruptamente a 95 quilômetros por hora. Os elementos venceram de novo. Só havia uma coisa sensata a fazer, e essa era voltar por onde viéramos.

Em Katmandu fomos recebidos quase como se tivéssemos sido bem sucedidos em vez de havermos falhado. O próprio Rei me presenteou com a medalha *Nepal Pratap Bardhak*, que constituía uma grande honra. Mas eu estava tão febril que mal percebi o que estava acontecendo. Em parte era malária, mas era ainda

# Conquistador de paladares



**SEAGERS DO BRASIL S.A.**

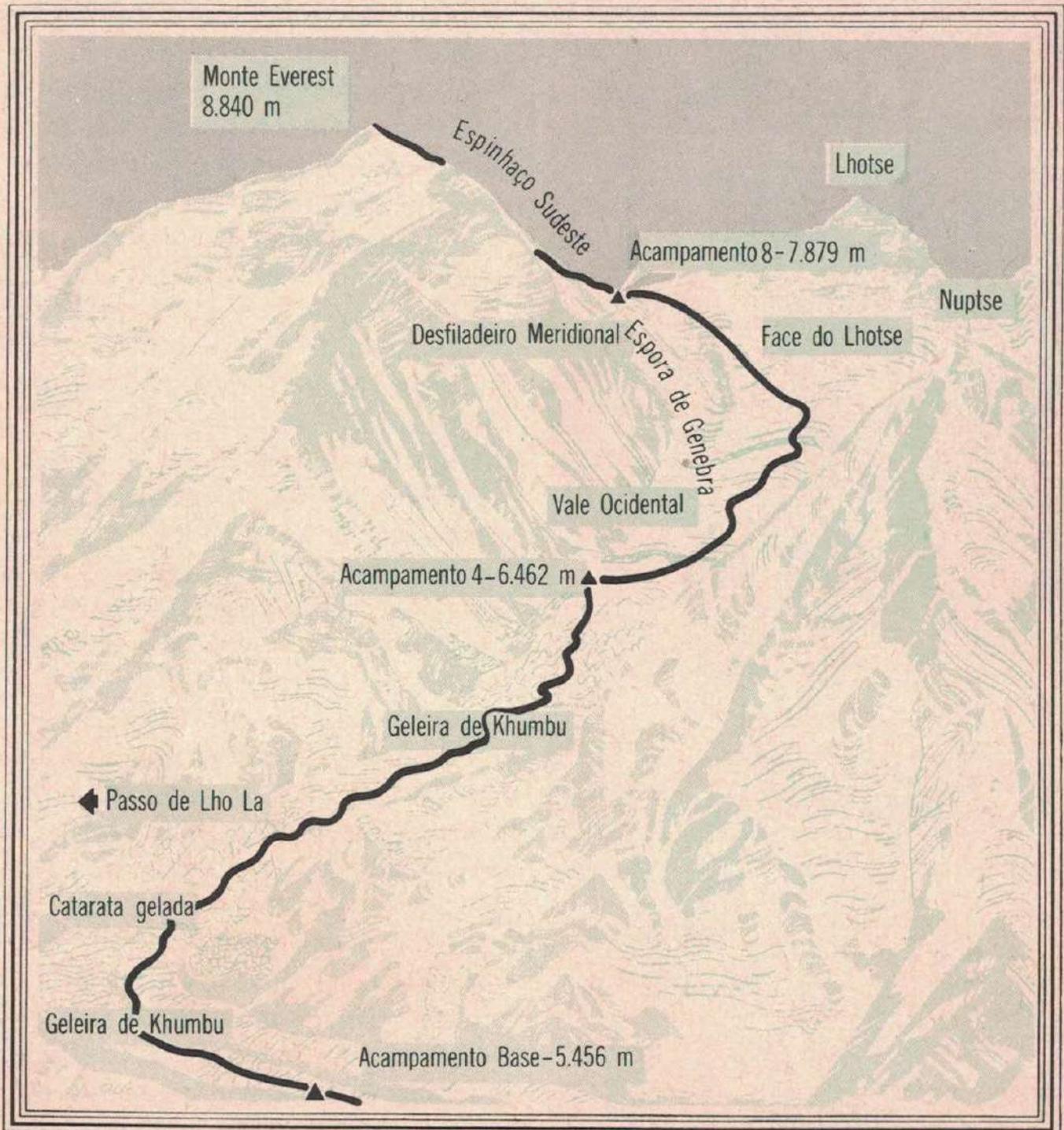
RUA HUMBERTO PRIMO, 961 - SÃO PAULO

mais o resultado do esforço de duas grandes expedições no mesmo ano.

Como sempre, os suíços foram maravilhosos para mim. Levaram-me de avião para um hospital, onde passei três semanas me restabelecendo.

CHEGOU O ANO de 1953. A história das duas expedições tinha-se tornado conhecida através do mundo e eu re-

cebi cartas de muitos países. Uma delas continha o convite para voltar ao Everest como *sirdar* com uma nova expedição britânica dirigida pelo Cel. John Hunt. Com êle iria a nata dos alpinistas ingleses e também dois neo-zelandeses, um dos quais, Edmund Hillary, fizera parte não só do reconhecimento do Everest, em 1951, como também da expedição



PARA  
TÓDAS  
AS  
OCASIÕES  
E  
PARA  
TÓDA  
A  
FAMÍLIA  
HÁ  
SEMPRE  
UMA

LÃ SAMS

UM PRODUTO

SANTISTA



SIBÉRIA · MÉSCLA · ORQUÍDEA

MARCAS REG.

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

que subira ao Cho Oyu, em 1952.

Hesitei. Pelo seguinte: a expedição britânica de 1951 tivera dificuldades por causa da questão de *baksheesh* (gorgetas) e do pagamento aos carregadores do Nepal. Mencionei o fato ao secretário do Himalayan Club.

—Mas essa é justamente uma das razões por que é importante que você vá—respondeu êle.—Ninguém sabe lidar com os homens como você e, se você fôr, não haverá dificuldades.

—Decidirei breve—disse-lhe.

Havia outro problema. Eu havia escalado mais com os ingleses do que com qualquer outra gente. Aprendi a falar a língua dêles e a me sentir bem na sua companhia. Conto entre êles alguns amigos íntimos e queridos. Mas a verdade é que os ingleses são, em geral, mais reservados e cerimoniais do que os homens da maioria dos outros países. Entre os ingleses há uma linha perfeitamente definida entre *sahib* e empregado.

“Sim, isso é um problema”, pensei. “Mas que importância tem? Além disso, como me sentirei se os ingleses atingirem o Everest e eu não estiver junto?”

Pensei tanto em tudo que quase não pude dormir à noite. Se demorasse mais tempo em dar a resposta perderia mais pêso. De modo que um dia disse simplesmente:

—Sim, eu vou.

O que não disse foi que eu não pudera resistir à tentação de ir.

Dizer que sim aos expedicionários era uma coisa, mas com minha mulher era outra.

## TIGRE DAS NEVES

—Você está muito fraco—protestou ela.—Vai ficar doente outra vez, ou escorrega no gelo, cai e morre. Você se arrisca muito.

—Eu sou pago para escalar. Não me pagam para brincar. Preciso fazer aquilo para o que me pagam.

—Você não se importa nem um pouco comigo e com as crianças—redargüiu ela—nem com o que nos possa acontecer se você morrer.

—Claro que me importo, mulher. Mas isto é o meu trabalho . . . a minha vida. A casa está tôda a seu cargo e eu não me meto nisso; mas quando se trata do Everest, não permito que ninguém se mêta. E se eu tiver de morrer, prefiro morrer no Everest a morrer aqui em casa.

Por fim, ela viu que eu estava resolvido e acabou concordando.

AJUDEI a escolher os 20 sherpas que deveriam acompanhar-nos. Era um grupo de homens fortes, a maioria dêles veteranos do Everest, das expedições suíças ou do reconhecimento de 1951.

Dê modo que ali estava eu feito *sirdar* novamente, com todos os problemas de um *sirdar*. Em breve, eu seria também escalador e realizando a dupla tarefa que me esgotara com os suíços. Mas era assim que tinha de ser. Por uma oportunidade de subir ao Everest eu estaria disposto a aceitar qualquer trabalho . . . até de lavador de pratos.

Como sempre, antes de uma grande expedição, fiz tudo o que pude para readquirir a forma física. Levan-



PRATA	1,60 x 2,60 Cr. \$ 109,00
	2,20 x 2,60 Cr. \$ 150,00
OURO	1,60 x 2,60 Cr. \$ 124,00
	2,20 x 2,20 Cr. \$ 172,00

Ao comprar insista: eu quero *Lençóis* 



a marca de garantia está na orela  
e a qualidade em todo o lençol

tava-me cedo de manhã, enchia uma mochila de pedras e fazia longas caminhadas subindo e descendo as colinas próximas. Não fumava nem bebia e evitava as tertúlias, que eu geralmente apreciava. E durante todo o tempo não parava de pensar, de fazer projetos, alimentando esperanças sôbre o que desejava que me acontecesse naquela expedição ao Everest, a sétima que eu fazia. “Destá vez deves chegar lá”, disse de mim para comigo, pois já tinha 39 anos. “Deves chegar lá ou morrer.”

Fôra marcado o dia 1.º de março para a nossa partida de Darjeeling. Um amigo deu-me uma pequena bandeira indiana para que levasse comigo:

—Para colocá-la no lugar certo—disse.

E a minha filha mais nova, Nima, deu-me um tóco de lápis vermelho e azul que disse estar usando na escola, tendo eu também prometido colocá-lo no “lugar certo”, se Deus quisesse e fôsse bom para mim.

ANTES da partida da expedição, eu tinha recebido a promessa de ir até ao cume, se estivesse em boas condições físicas. Quando os médicos me examinaram no nosso acampamento-base, encontraram-me mais apto do

que qualquer outro, de modo que fui incluído no projeto do Cel. Hunt. Os três outros escolhidos para a tentativa de chegar ao cume foram o Dr. Charles Evans e Tom Bourdillon, que escalariam emparelhados, e Edmund Hillary, que

seria o meu parceiro.

Desde aí eu subi emparelhado com êle durante todo o tempo. Hillary era um escalador maravilhoso e adquirira muita prática nos picos de gêlo da Nova Zelândia. Como acontece com muitos homens de ação, êle não conversava muito. Mas não tardamos a tornar-nos uma dupla forte e confiante.

Um exemplo de como trabalhávamos juntos ocorreu quando estávamos na catarata gelada. Uma tarde, íamos descendo, amarrados um ao

outro, indo Hillary à frente. Avançávamos tortuosamente, entre elevadas tórreres de gêlo, quando súbitamente, a neve cedeu sob os pés de Hillary e êle caiu numa fenda.

—Tenzing! Tenzing!—gritou.

Por sorte, não havia muita corda entre nós dois e eu estava preparado. Cravando o machado na neve e arrojando-me ao chão ao lado dêle, consegui deter a queda de Hillary uns cinco metros abaixo e depois, puxan-



*Tenzing visto pela câmara de Hillary no momento da conquista*

HOTEL

# J

**ARAGUÁ**  
**SÃO PAULO**  
**BRASIL**



NO RIO DE JANEIRO:

**HOTEL EXCELSIOR**  
**COPACABANA**

HOTÉIS REUNIDOS S.A. "HORSA"

## SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

do e arrastando devagar, consegui içá-lo novamente. Quando êle saiu da fenda, as minhas luvas estavam tôdas esfaceladas pelo esforço.

—*Shabash*, Tenzing! Excelente trabalho!—exclamou êle, agradecido.

E, quando chegou ao acampamento lá embaixo, contou aos outros que “se não fôsse Tenzing, eu estaria liquidado hoje”. Foi um bonito elogio, mas o incidente não tinha nada de extraordinário. Os escaladores estão sempre ajudando uns aos outros.

Ainda está para nascer o homem que não tivesse algumas dificuldades num pico como o do Everest. Há ameaça de esgotamento, de congelamento. Há o constante esforço para respirar. Há a terrível sêde que nem a neve nem a fria água de neve conseguem matar. Há as dores de cabeça, de garganta, as náuseas e a perda de apetite. E há a insônia. Nas maiores altitudes, todos os ingleses tinham de tomar pílulas soporíferas para poderem repousar um pouco. Talvez devido àquele famoso “terceiro pulmão”, eu era mais feliz do que a maioria e mantinha-me quente e com saúde, simplesmente pela atividade constante, cuidando do equipamento, mantendo as tendas em ordem, fervendo água de neve para preparar bebidas quentes. E quando não havia mais que fazer, eu simplesmente batia com as mãos e os pés contra o gelo e a rocha. Qualquer coisa para me manter em atividade e conservar o sangue circulando e evitar o enfraquecimento das grandes altitudes. Era em parte devido a isso,

## TIGRE DAS NEVES

creio, que eu nunca tinha dores de cabeça nem vômitos. E nunca tomava remédio para dormir.

Durante as primeiras semanas em que Hillary e eu trabalhamos juntos, ocupamo-nos em carregar pequenos pesos do acampamento-base para o Vale Ocidental ou em ajudar os sherpas inexperientes na íngreme rota através da catarata gelada. Enquanto isso, outros grupos de *sahibs* e sherpas trabalhavam à nossa frente. Seguindo a rota que os suíços haviam usado no outono, até à face do Lhotse e depois através do tampo da espora\* de Genebra, assentaram seus acampamentos ao fundo do Desfiladeiro Meridional. Em 20 de maio, o grupo avançado estava pronto para iniciar a subida do desfiladeiro pròpriamente dito

Os suíços haviam deixado grande quantidade de mantimentos e equipamento no Acampamento Quatro, e depois de escavar aqui e além na neve, durante algum tempo, consegui encontrá-los. A verdade é que durante tôda a escalada nós nos aproveitamos muito de coisas deixadas pelos suíços—desde montes de lenha, no acampamento-base, até tanques de oxigênio meio usados lá no alto, perto do cume.

Finalmente, estávamos prontos a iniciar a luta para atingir o cume. De acôrdo com o plano, Bourdillon e Evans subiriam até ao Desfiladeiro Medional primeiro, juntamente com o Cel. Hunt e vários sherpas, que constituiriam a sua equipe de manu-

\* Vide mapa à pág. 179.

**Mirage**  
de  
**ATKINSONS**

o perfume  
"tout  
Paris"

EXTRATO — LOÇÃO — COLÔNIA — PÓ FACIAL  
SABONETE — TALCO de TOILETTE — ÓLEO — BRILHANTINA

# Cola-Tudo

## "DUCO"

**FLEXÍVEL  
IMPERMEÁVEL  
TRANSPARENTE**



COLA MADEIRA



ARMA JOGOS E BRINQUEDOS



COLA LOUÇAS E VIDROS

**VEJA!**

Cola-Tudo "DUCO" é o único que possui fêcho exclusivo, com parafuso, para conservar o conteúdo hermêticamente fechado.

Em 2 tamanhos:  
Gigante e Médio



**DU PONT DO BRASIL S. A.  
INDÚSTRIAS QUÍMICAS**

Linha "7"

SÃO PAULO: Fone: 37-6944 — Caixa Postal 8112  
RIO DE JANEIRO: Fone: 22-2010 — Caixa Postal 710

### SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

tenção. A seguir, um dia depois, enquanto eles faziam a sua tentativa para alcançar o cume, eu e Hillary iríamos até ao desfiladeiro, ajudados por George Lowe, Alfred Gregory e oito dos melhores sherpas. (Antes de terminada a expedição, 17 sherpas chegaram ao desfiladeiro, seis deles duas vezes, carregando em média 14 quilos cada um e sem o auxílio de oxigênio.)

Bourdillon e Evans deveriam deixar o Acampamento Oito, no Desfiladeiro Meridional, e subir o mais que pudessem—até ao cume, se possível; embora ainda houvesse um quilômetro a percorrer entre o desfiladeiro e o cume. Não seria estabelecido nenhum acampamento intermediário para eles, e seria uma façanha maravilhosa se pudessem subir até ao cume e voltar em um dia. *Talvez* o conseguissem; ninguém sabia. Mas o Cel. Hunt chamou a sua tentativa apenas um "assalto para reconhecimento".

Quando eles parassem, se não pudessem continuar, seria a nossa vez, de Hillary e minha. Mas para nós seria estabelecido outro acampamento—o nono—na aresta do espinhaço, o mais alto que os homens pudessem carregá-lo, e nós faríamos a nossa tentativa a partir daí, com muito maior vantagem.

Assim, em 23 de maio, o grupo Bourdillon-Evans partiu para o Vale e no outro dia nós os seguimos.

Passamos a noite no Acampamento Sete, onde encontramos várias outras pessoas. Mas quando chega-

## TIGRE DAS NEVES

mos ao Acampamento Oito, só encontramos uma pessoa lá. Era o sherpa a que nós chamávamos Balu—o Urso. Era um dos dois sherpas ligados ao Cel. Hunt. Mas nessa manhã, sentira-se demasiado doente para subir mais, e o Coronel e o sherpa que lhe restava prosseguiram sòzinhos, carregando cada um a maior quantidade de mantimentos que puderam.

Pouco tempo depois de chegarmos ao desfiladeiro, vimos o Cel. Hunt e o sherpa Da Namgyal que vinham descendo a encosta nevada acima dêle, procedentes da aresta meridional. Estavam terrivelmente cansados. O Coronel perdeu completamente as fôrças durante alguns minutos e eu lhe dei suco de limão quente e ajudei-o a entrar na tenda. Depois que descansou um pouco, êle nos disse que tinham subido até uns 8.340 metros, onde haviam armazenado o abastecimento para o nosso acampamento. Êste compreendia os tanques de oxigênio que êles tinham usado para subir. O terem descido sem oxigênio era uma das razões por que se encontravam em tão mau estado.

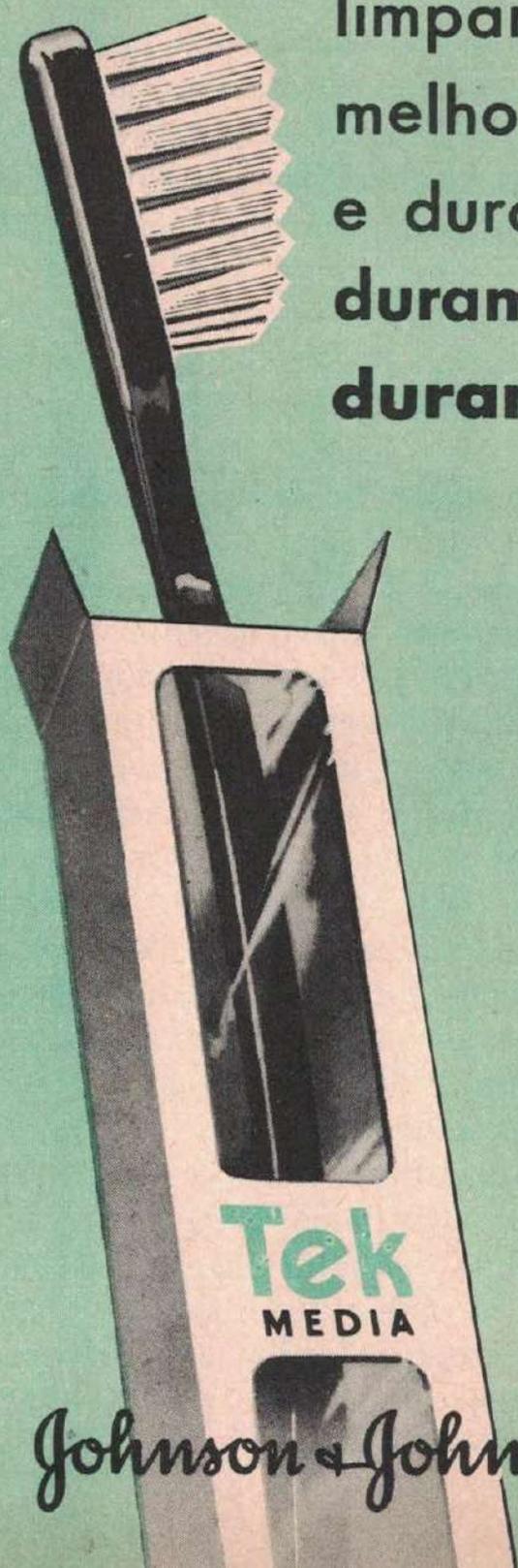
Depois, na fria solidão do desfiladeiro, esperamos por Bourdillon e Evans.

Esperávamos e olhávamos para cima, esperávamos e olhávamos para cima. Finalmente, avistamos dois vultos que desciam a encosta nevada. “Êles não o conseguiram”, pensei. “Tão cedo da tarde, êles não podem ter conseguido chegar ao cume e voltado.”

## AS ESCÔVAS

# Tek

limpam  
melhor  
e duram...  
duram...  
duram!



Johnson & Johnson

Apressamo-nos a ir ao seu encontro e êles estavam tão cansados que mal podiam falar ou mover-se. Não, disseram-nos, não tinham chegado ao cimo. Tinham chegado ao cume meridional, o ponto mais elevado já atingido por um ser humano. Mas êsse fôra o limite para êles.

Mais tarde, quando já haviam recuperado um pouco de suas fôrças, fizemos-lhes tôda a sorte de perguntas a respeito da rota e dos problemas.

Embora estivessem doentes de tão exaustos, êles fizeram tudo o que puderam para aconselhar-nos e ajudar-nos. E eu pensei: "Sim, é assim na montanha. É assim que uma montanha torna os homens grandes." Só graças ao trabalho e sacrifício de todos êles é que Hillary e eu pudemos ter então a nossa oportunidade de chegar ao cume.

Dez de nós passamos a noite no desfiladeiro, aconchegados uns aos outros em três tendas de dormir. Eu e Hillary deveríamos partir cedinho na manhã seguinte, mas na escuridão o vento, que soprava constantemente no desfiladeiro, tornou-se ainda mais forte do que de costume. Quando a luz entrou nas tendas, rugia como mil tigres. Era inútil pensar sequer em partir. A única coisa que podíamos fazer era aguardar que a tempestade amainasse.

Enquanto as horas se arrastavam, ficamos nas tendas o dia inteiro, procurando aquecer-nos e bebendo grandes quantidades de chá e café, sopa e suco de limão. Continuamente eu saía e ficava em pé, no vento,

olhando para o tôpo da montanha acima de nós

Na segunda noite, o vento foi ainda mais violento. Fiquei a ouvi-lo rugir, pensando: "Êle tem de parar. Já vim sete vêzes ao Everest. Eu amo o Everest. Mas sete vêzes é suficiente. Daqui temos que continuar até ao cimo. Tem que ser desta vez. Tem que ser agora . . ."

VINTE E OITO de maio . . . Fôra no dia 28 que Raymond Lambert e eu fizéramos o nosso esfôrço final, subindo o mais que pudemos acima do nosso campo estabelecido no espinhaço. Estávamos um dia de escalada mais abaixo, com um dia de atraso. Um ano depois. Quando começou a aclarar, o vento continuava, mas pelas oito horas havia amainado. Olhamos um para o outro e acenamos com a cabeça. Faríamos a nossa tentativa.

Um pouco antes das nove, George Lowe, Alfred Gregory e o sherpa Ang Nyima partiram, carregando cada um mais de 18 quilos e respirando oxigênio; cêrca de uma hora depois, eu e Hillary seguimo-los, carregando cada um 23 quilos. A idéia era que a nossa equipe de apoio fizesse o trabalho lento e pesado de cortar degraus no gêlo e depois nós a seguiríamos no ritmo da nossa própria marcha, sem nos cansarmos demasiado.

Atravessamos as rochas geladas do desfiladeiro. Depois subimos a encosta nevada do outro lado e seguimos por um longo corredor ou ravina que conduzia à aresta meridional.

Como fôra planejado, os degraus abertos pelos outros tornava a escada mais fácil para nós, e quando êles chegaram ao pé do espinhaço—pelo meio-dia—nós os alcançamos. Chegamos ao ponto mais alto que o Cel. Hunt e Da Namgyal haviam alcançado dois dias antes, e aí na neve encontramos a tenda, os alimentos e os tanques de oxigênio que êles haviam deixado para nós. Tivemos então que acrescentar essas coisas aos nossos fardos e daí para cima carregamos 27 quilos cada um.

O espinhaço tornou-se mais íngreme e o nosso passo mais lento. Depois a neve tornou-se mais espessa, cobrindo as rochas profundamente, e tornou-se necessário cortar degraus novamente. A maior parte do tempo era Lowe quem fazia isso, caminhando à frente brandindo o machado, enquanto o resto de nós o seguia. Mas pelas duas da tarde, todos nós estávamos tão cansados que escolhemos um lugar abrigado junto a um penhasco para instalar o acampamento. Aí, com um apressado “Até à vista . . . felicidades”, os nossos três companheiros iniciaram a descida.

Eu e Hillary fomos deixados sós numa altura de 8.500 metros, o acampamento mais alto até então instalado. Trabalhamos quase até ao escurecer tentando abrir um espaço plano . . . e finalmente conseguimos fazer metade do chão da tenda 30 centímetros mais alto do que a outra. Depois, trabalhamos tenazmente para esticar as cordas e lonas geladas. Tudo levava cinco vêzes mais tempo

do que levaria numa altitude inferior, mas finalmente conseguimos levantar a tenda e quando entramos não era de todo desagradável.

Conversamos sôbre os nossos planos para o dia seguinte e depois, respirando o “oxigênio da noite” (uma quantidade reduzida), tentamos dormir. Mesmo dentro dos nossos sacos de dormir de edredão, ficamos ambos vestidos com tôda a nossa roupa e eu conservei-me calçado com as minhas botas suíças de couro de rena. À noite, a maioria dos escaladores tiram as botinas porque acreditam que isso auxilia a circulação nos pés. De modo que Hillary tirou as suas e colocou-as junto do seu saco de dormir.

As horas se passavam. Eu dormitava e acordava. E tôda a vez que acordava, ficava à escuta. Pela meia-noite não havia vento algum.

Vinte e nove de março . . . Pelas 3 e 30 da manhã começamos a mexer-nos. Acendi o fogareiro e fervei neve para o suco de limão e café e comemos um pouco. Ainda não ventava. Quando abrimos a cortina da tenda, tudo estava claro e sereno na luz da madrugada. “Deus de meu pai e de minha mãe”, orei em pensamento, “sê bom para nós agora . . . hoje.”

Mas a primeira coisa que aconteceu foi ruím. As botas de Hillary haviam congelado e eram como dois pedaços de ferro negro. Durante uma hora inteira tivemos que as aquecer ao fogo, puxando-as e amassando-as, até que o cheiro de couro queimado inundou a tenda, e ambos

estávamos arquejantes como se já estivéssemos subindo o pico.

Pensando nesse último dia de escalada, sentia-me orgulhoso de que as meias que eu usava tivessem sido feitas por minha mulher, Ang Lahmu. E o cachecol vermelho que eu tinha em volta do pescoço me fôra dado por Raymond Lambert ao fim da nossa expedição de outono, dizendo enquanto sorria:

—Tome, talvez você o possa usar algum dia.

Às 6 e 30 saímos da tenda; ainda estava claro e não havia vento. Tínhamos enfiado três pares de luvas nas mãos—de sêda, de lã e à prova de vento; adaptamos então os *crampons* às botas e penduramos às costas os aparelhos de oxigênio, que pesavam 18 quilos. Fortemente amarradas em volta do meu machado iam quatro bandeiras—das Nações Unidas, da Grã Bretanha, do Nepal e da Índia. E no bôlso do meu casaco ia o toquinho de lápis vermelho e azul de minha filha.

—Tudo pronto? .

—*Ah chah*. Pronto.

E partimos.

AS BOTAS de Hillary ainda estavam duras e êle tinha os pés frios, de modo que me pediu para ir à frente. Durante algum tempo foi assim que nós seguimos, amarrados... do acampamento até à aresta de sueste e depois, acompanhando a aresta, em demanda do cume sul. Não tardou que os pés de Hillary melhorassem, de modo que trocamos de lugar na

corda, revezando-nos daí em diante a fim de dividirmos o trabalho de abrir os degraus com as botas e o machado.

Imediatamente abaixo do cume meridional, a aresta alargava formando uma espécie de talude de neve. Começamos a escalar um muro branco quase vertical. O pior da escalada era que a neve não era firme, não cessando de deslizar, deslizar... e nós juntos com ela... até que eu pensei: "Quando menos esperarmos, ela continuará deslizando e nós iremos com ela até ao sopé da montanha." Para mim, aquêle foi realmente o pior lugar em tôda a escalada. Ainda agora, quando penso nêle, meus cabelos ficam em pé.

Por fim, transpusemos êsse trecho e, às nove horas, estávamos no cume meridional. Descansamos aí por espaço de dez minutos, olhando para cima para o que ainda nos faltava subir. Não era muito—apenas uns 90 metros de aresta—mas o caminho era estreito e íngreme. À esquerda ficava um precipício sôbre o Vale Ocidental, 2.500 metros lá embaixo. E à direita, as cornijas de gêlo, pendendo de 3.000 metros de altura sôbre a Geleira de Kangshung.

Lentamente, lentamente, fomos subindo, subindo até que chegamos ao que viria a ser o nosso último grande obstáculo. Era um rochedo que se erguia verticalmente na aresta e bloqueava a passagem. Tratava-se de saber como poderíamos transpô-lo. A única passagem possível era ao longo de uma estreita fenda entre

um lado da rocha e o lado interno de uma cornija contígua. Hillary, que nesse momento ia na frente, conseguiu subir, lenta e cautelosamente, até uma espécie de plataforma. Enquanto subia, êle tinha de fazer pressão para trás com os pés contra a cornija, e eu o mantinha seguro de baixo pela corda, com tôda a firmeza que podia, pois havia o grande perigo de que o gêlo cedesse. Felizmente, Hillary chegou são e salvo ao cimo da rocha e depois firmou a corda enquanto eu o seguia.

No alto da rocha descansamos e tomamos alguns haustos lentos de oxigênio. Olhei para cima. O cume estava muito perto, e meu coração palpitou de exaltação e alegria.

A uns 30 metros do cume chegamos às rochas nuas mais elevadas. Apanhei aí duas pedrinhas e guardei-as no bôlso para levá-las de volta ao mundo lá embaixo. Depois encontramos-nos entre alguns corcovos nevados que se estendiam numa curva para a direita e tôda a vez que passávamos um eu me perguntava: "O próximo será o último?" Finalmente, chegamos a um lugar onde podíamos ver além dos corcovos, e além dêles ficava o grande céu aberto e as planícies pardacentas. Olhávamos lá embaixo a encosta distante da montanha sôbre o Tibete. À nossa frente havia apenas mais um corcôvo . . . o último corcôvo.

Tenho pensado muito no que vou dizer agora: como eu e Hillary chegamos ao cume do Everest. Mais tarde, quando descemos da monta-

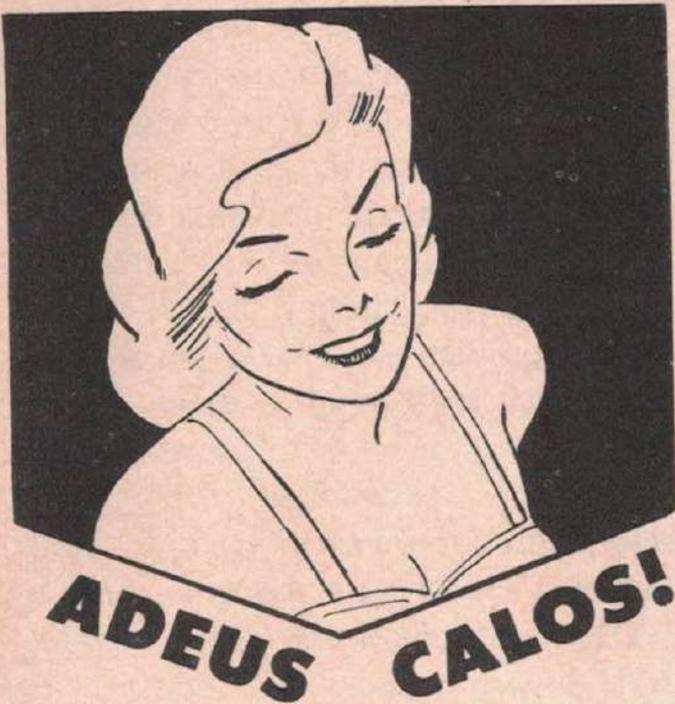
nha, houve muita conversa idiota sôbre quem chegou ou deixou de chegar lá primeiro. Em Katmandu, para acabar com tolices dêsse gênero, eu e Hillary assinamos uma declaração na qual dizíamos: "Chegamos ao cume quase ao mesmo tempo." Mas a gente continuou a fazer perguntas. Apontava o "quase" e dizia: "Que significa 'quase'?" Os alpinistas compreendem que semelhante pergunta não tem cabimento. Quando dois homens estão amarrados à mesma corda, êles estão *juntos*, e isso é tudo. Mas outras pessoas não compreendiam. Na Índia e no Nepal, sinto dizê-lo, houve grande pressão sôbre mim para que eu dissesse que chegara ao cume antes de Hillary. E por todo o mundo me perguntam: "Quem chegou lá primeiro? Quem chegou lá primeiro?"

UM POUCO abaixo do cume, eu e Hillary paramos. Olhamos para cima. Depois continuamos. A corda que nos unia tinha dez metros de comprimento, mas eu conservava a maior parte dela em laçadas na mão, de modo que só havia uns dois metros a separar-nos. Eu não estava pensando em "primeiro" ou "segundo" e não disse cá comigo: "Há um pomo de ouro lá em cima. Vou empurrar Hillary para um lado e correr para apanhá-lo." Continuamos a subir lentamente, com firmeza. E então chegamos lá. Hillary chegou ao cume primeiro e eu cheguei atrás dêle. Se é uma desonra para mim ter chegado um passo atrás de Hillary,

então terei de viver até ao fim da vida com essa desonra.

A primeira coisa que fizemos no cume do Everest foi o que fazem todos os escaladores quando chegam ao pico de sua montanha. Apertamos as mãos. Mas isso não era o suficiente para o Everest. Eu agitei os braços no ar e depois lancei-os ao redor de Hillary e os dois demos palmadas nas costas um do outro até que, apesar do oxigênio, ficamos quase sem fôlego. A seguir, olhamos em volta. Eram 11 e 30 da manhã, o sol brilhava e o céu era do azul mais profundo que já vi. Soprava apenas uma brisa suave, vinda dos lados do Tibete, e a pluma de neve que sempre se levanta do cume do Everest era muito pequena.

Em volta de nós, de todos os lados, estava o grande Himalaia, estendendo-se para longe através do Nepal e do Tibete. Pois os picos mais próximos—gigantes como o Lhotse, o Nuptse e o Makalu—nós tínhamos agora de olhar abruptamente *para baixo* para ver os seus cumes. E mais para o longe, tôda a extensão da maior cordilheira do mundo parecia apenas uma série de corcovos sob o imenso céu. Era um espetáculo como eu nunca vira e nunca mais tornaria a ver: selvagem, maravilhoso e terrível. Mas não era terror que eu sentia. Eu amava muito as montanhas para sentir isso. Eu amava muito o Everest. Naquele grande momento pelo qual eu havia anelado a vida inteira, a minha montanha não parecia uma coisa inanimada de rocha e



Umhas gotas do líquido Gets-It num calo dolorido e incômodo lhe darão alívio imediato. Aplique Gets-It duas ou três vêzes e o calo descolará—com raiz e tudo. À venda em sua farmácia.

Milhões de pessoas no mundo inteiro usam

**GETS-IT**

a cura infalível para calos.



gêlo, e sim cálida, afetuosa e viva.

Desligamos o oxigênio. Até mesmo ali no telhado do mundo era possível viver sem êle, desde que não fizéssemos esforços. Retiramos o gêlo que se formara nas nossas máscaras e eu meti um bombom na bôca. Depois recolocamos as máscaras. Mas não tornamos a ligar o oxigênio enquanto não deixamos o cume.

Hillary pegou da sua máquina fotográfica, que carregara debaixo da roupa, eu desenrolei as quatro bandeiras do machado e Hillary tirou a minha fotografia. Fiz sinal a êle para eu tirar a sua fotografia, mas, por qualquer razão, êle abanou a cabeça: não quis a fotografia. Em vez disso, continuou tirando mais fotografias de todos os lados do pico, e enquanto isso eu fiz outra coisa que tinha de ser feita. Tirei do bôlso um pacote de doces e o tóco de lápis vermelho e azul de minha filha Nima e, abrindo um buraco na neve, coloquei-os lá. Vendo o que eu estava fazendo, Hillary entregou-me um crucifixo que Hunt lhe dera e eu o coloquei ao lado das outras coisas. "Em casa", pensei, "nós oferecemos doces àqueles que estão perto de nós e nos são caros. O Everest sempre foi caro para mim e agora está perto também." Enquanto cobria aquelas oferendas, fiz uma oração mentalmente.

Depois disse à própria montanha:

—*Tuji che, Chomolungma.* Sinto-me agradecido . . .

Já estávamos no cume havia 15 minutos. Era tempo de partir. Antes de iniciarmos a descida, olhamos em

É MAIOR... →

Contém

**MAIS  
CREME**  
de Barbear!



**COMPARE!...** E veja que diferença! O tubo de Williams é *positivamente* maior, contém maior quantidade de creme e possibilita um número muito maior de barbas!

**E AINDA**

**MAIS CONFÔRTO** em cada barba! Williams contém extrato de Lanolina. Evita a pele ressecada, as irritações... facilita o escanhoar.

**MAIS ESPUMA** com menos creme! Uma espuma rica com menos creme! A nova fórmula de Williams é mais ativa, muito mais concentrada!

Simples ou Mentolado



Há **MAIS** para Você no  
Creme de Barbear

**Williams**

volta mais uma vez. Apertei bem em volta do pescoço o cachecol vermelho que Lambert me dera. "Quando voltar para casa", disse comigo mesmo, "eu o enviarei a êle." E enviei.

O que eu senti mais no momento antes da nossa descida foi uma grande proximidade com Deus. Eu lhe dei graças no mais profundo do meu coração. E quando nos voltamos para deixar o cume, orei a Êle pedindo-Lhe uma coisa muito real e muito prática: que, tendo-nos concedido a vitória, nos permitisse descer a montanha vivos.

EMBORA estivéssemos ansiosos por descer o mais depressa possível, descemos lenta e cautelosamente. Como estávamos cansados, eram menos seguras as nossas reações, e aconteciam mais acidentes nas montanhas quando os homens estavam cansados e se descuidavam na descida. Firmando bem cada pé antes de dar um passo, descemos o declive de neve, usando a maior parte do tempo as marcas deixadas na subida.

Pelas duas horas chegamos à tenda alta, onde paramos para descansar. Depois descemos. Não tardou que avistássemos as tendas no desfiladeiro e pequenos pontos escuros em volta delas. Lentamente, as tendas e os pontos foram crescendo. George Lowe, à frente dos que estavam lá embaixo, subiu ao nosso encontro. Abraçou-nos, deu-nos café quente a beber e depois, com a ajuda dos outros, conduziu-nos até ao Acampamento Oito. Estava escurecendo

e esfriando quando chegamos ao acampamento e, exaustos até ao entorpecimento, passamos a noite lá.

No dia seguinte, o tempo estava de novo excelente. Ainda estávamos cansados e um pouco fracos devido àqueles três dias em tão grandes alturas, mas foi com alegria e paz de espírito que fizemos a longa descida do Desfiladeiro Meridional.

Nos acampamentos altos, Sete, Seis e Cinco, encontramos poucas pessoas. Mas no Acampamento Quatro, a Base Avançada, encontramos a maior parte da expedição. Quando subiram ao nosso encontro, nós não deixamos transparecer o que acontecera. Mas quando chegamos a uns 50 metros de distância, Lowe não pôde guardar o segredo por mais tempo. Com uma das mãos fêz o gesto de "polegares para cima" e com a outra agitou o machado na direção do cume. Desde êsse momento em diante, creio que nunca houve excitação igual na história do Himalaia. Hunt abraçou Hillary e a mim, eu abracei Evans. Todo o mundo abraçou todo o mundo.

—É realmente verdade? É mesmo verdade?—repetia Hunt.

E depois, abraçou-me novamente em sua alegria. Quem quer que nos visse naquele momento não poderia pensar em distinções entre *sahibs* e *sherpas*. Éramos todos alpinistas que tínhamos escalado juntos a nossa montanha.

No dia seguinte, desci o vale e a catarata gelada tôda até ao acampamento-base. "Agora estou livre",

pensava continuamente. "Fui libertado pelo Everest." E por felicidade, não podia saber quanto estava enganado.

CERTAS COISAS tinham já começado a acontecer que seriam causa de muito mal-entendido mais tarde. A Agência Telegráfica Indiana havia transmitido a notícia de que fracassaríamos em nossa tentativa. Ora, a notícia verdadeira foi enviada em código à Embaixada Inglesa, que a transmitiu para Londres, mas não informou ninguém mais por espaço de um dia. Creio que a idéia era de que a Rainha Elizabeth fôsse a primeira a receber a notícia, tornando-a conhecida no dia seguinte, como atração especial da coroação. Para os ingleses, a oportunidade foi perfeita. Mas para muitos orientais—inclusive o Rei Tribhubana do Nepal, em cujo país se encontra o Everest—foi justamente o oposto. Eles não receberam a notícia senão um dia mais tarde... e ainda assim vinda do outro lado do mundo.

No momento eu não sabia nada disto. Eu poderia ter enviado a notícia por um mensageiro sherpa, mas estava trabalhando para os ingleses. Como nós os sherpas dizemos, eu estava "comendo o sal deles", de modo que não enviei mensagem alguma.

Cada dia, enquanto atravessamos o Nepal, havia maiores multidões e maior alvoroço.

—Tenzing zindabad! — gritavam.  
—Viva Tenzing!

# Tão rápido



que é  
preciso um  
cronômetro para  
medir a sua velocidade!

 Com essa incrível rapidez, Melhoral começa a se dissolver no seu estômago, aliviando a dor imediatamente.

**TÃO SEGURO!** Melhoral contém o máximo que um analgésico deve ter para aliviar positivamente a dor, sem prejudicar o organismo.

**TÃO SUAVE!** Qualquer pessoa, a qualquer hora, pode tomá-lo com absoluta confiança. Os médicos o recomendam até para as crianças.

CONTRA DORES,  
GRIPES E  
RESFRIADOS



ME-7A-S-55

# Melhoral

É MELHOR E NÃO FAZ MAL

## TIGRE DAS NEVES

Quando nos aproximamos de Katmandu, os ferrenhos nacionalistas nepaleses queriam que eu dissesse que era nepalês e não indiano. E também que eu havia chegado ao cume antes de Hillary.

—Que diferença faz?—perguntava eu.—Que tem a nacionalidade e a política a ver com a escalada de uma montanha?

Mas as multidões não paravam. Fui separado de meus companheiros, empurrado e puxado para um lado e para outro, como brinquedo de criança. Atribuíram-me respostas e fizeram-me assinar papéis que eu não podia ler porque, embora fale várias línguas, continuo analfabeto.

Em Katmandu muitos de nós, ainda com as roupas sujas da expedição, fomos levados ao palácio real e recebidos pelo Rei Tribhubana. O Rei condecorou-me com a *Nepali Tara* (Estrêla do Nepal), a mais alta condecoração do país, e concedeu duas medalhas menos importantes a Hunt e Hillary. A verdade é que os nepaleses me prestaram uma acolhida que eu não poderia esquecer ainda que vivesse mais uma centena de anos. Mas em seus esforços para fazerem de mim um herói, eles se excederam: quase se esqueceram dos britânicos, em vez de os tratarem como hóspedes de honra, e procuraram deturpar os fatos, insinuando que eu havia praticamente escalado tôda a montanha sozinho. Isto, juntamente com as declarações idiotas que eu fôra induzido a assinar, sem saber o que estava fazendo, foi muito

7 e 4,5  
litros



Com uma,  
já é fácil..  
mas  
com duas

# Panex

cozinhar  
é uma  
alegria!



Claro! É que com duas PANEX você não se afoba nunca... Tudo fica facilimo e deliciosas refeições ficam prontas num instante! E para FRITAR, não há nada como uma **Frigideira Poli-celular PANEX**, de fundo duplo, absolutamente indeformável. Frita sem grudar, gastando pouquíssima gordura.



Fidelt 4-110

3  
TAMANHOS

**PANEX** INDÚSTRIA & COMÉRCIO LTDA.

S. Paulo: R. Xavier de Toledo, 264

Rio: R. Visc. de Inhauma, 134 - 5.º - s/ 524

desagradável. Finalmente, o Cel. Hunt achou que era demais. Fêz alguns comentários desairosos à minha experiência como escalador. Fiquei ofendido e, quando os jornalistas nepaleses e indianos começaram a me perseguir, também fiz declarações que, posteriormente, lamentei.

Felizmente, entretanto, havia mais boa vontade do que má em nossos corações. Nem os ingleses nem eu queríamos ver a nossa grande aventura transformada em algo pequeno e mesquinho.

EM CALCUTÁ, aonde fui com minha família no avião particular do Rei Tribhubana, houve mais multidões, mais alvoroço, mais recepções. Em Delhi foi a mesma coisa e Pandit Nehru, que nos recebeu pessoalmente, foi como um pai para mim. Aconselhou-me insistentemente a que fôsse a Londres, pois acreditava que se devia fazer todo o possível para sarar as lamentáveis feridas. Levou-me a sua casa, abriu os seus armários e abasteceu-me de roupa, visto eu não ter quase nenhuma. Deu-me também uma pasta, com a qual eu pensei: "Agora não sou mais um pobre sherpa, absolutamente, mas um homem de negócios ou um diplomata".

Eu e Ang Lahmu passamos 16 dias maravilhosos em Londres. Fomos a teatros, cinemas, visitamos lojas e lugares bonitos e, finalmente, como clímax da nossa visita, fomos apresentados à Rainha no Palácio de Buckingham. Após uma festa ao ar

livre nos jardins do palácio, fomos introduzidos num grande salão de recepção. Todos os membros da expedição e suas famílias estavam lá, e a Rainha e o Duque nos presentearam com medalhas e prêmios.

Passamos, também, duas semanas na Suíça, como hóspedes da Fundação Suíça para Pesquisas Alpinas. Aí houve não somente uma grande acolhida e reunião, mas também uma oportunidade de escalar os famosos Alpes.

Quando tudo acabou e voltamos para a Índia, eu esperava tornar a ser novamente o mesmo Tenzing de sempre. Mas até mesmo na minha terra continuou havendo recepções e entrevistas intermináveis. Eu sempre gostara de passear pelas ruas de Darjeeling, mas agora verificava que tinha de sair antes do alvorecer, se não quisesse ser acompanhado por um verdadeiro cortêjo. Tinha visitas em casa a tóda a hora do dia e da noite, algumas das quais entravam à fôrça pelas portas e janelas. Vinham representantes de tóda a espécie de firmas e organizações pedir-me que assinasse isto ou aprovasse aquilo.

Para mim, talvez o resultado mais emocionante da escalada tenha sido a decisão do govêrno de fundar uma escola de montanhismo em Darjeeling. Chama-se Instituto Himalaico de Montanhismo e o seu objetivo é incentivar o amor e o conhecimento das montanhas entre os indianos. Sou o diretor dessa escola e tenho inteiramente a meu cargo a instrução e o treinamento.

Além disso, tenho sido bem pago por meus artigos para os jornais e tenho recebido generosas contribuições de muitas cidades e organizações indianas, de modo que não tenho mais necessidade de viver na pobreza. Algumas pessoas têm sido bondosas, outras se têm mostrado invejosas e chegam até a pensar que Ang Lahmu se tornou presumida só porque agora usa guarda-chuva em dias de chuva.

A nova casa que eu comprei está situada numa encosta íngreme nos arredores de Darjeeling e tem uma vista maravilhosa das neves das altas montanhas. Minha espôsa, que trabalhou para tantas famílias inglesas, sabia tudo sôbre decorações e mobília à moda ocidental, e era isso o que ela queria . . . inclusive tôda a sorte de geringonças modernas para a cozinha. Eu não cessava de dizer:

—Nós nos temos arranjado bem até aqui. Não se exceda. Conserve-mos as nossas vidas simples.

Mas acho que isso não é tão fácil de fazer como de dizer.

Para aperfeiçoar o meu inglês, comprei um Linguaphone e alegrome de poder dizer que estou falando cada vez mais fluentemente. Espero um dia visitar os Estados Unidos. Espero também voltar à Inglaterra e à Suíça. Foi uma longa jornada do sopé ao cimo do Everest; de um maltrapilho carregador montanhês ao portador de um casaco com uma porção de medalhas, que é transportado para cá e para lá em aviões e se preocupa com o impôsto de renda. Mas até agora aprendi muito, não sômente a respeito de cidades, linhas aéreas e geografia. Aprendi que, pelo fato de os povos serem diferentes, isso não quer dizer necessariamente que nós estejamos certos e êles errados. Quaisquer que sejam os desacordos surgidos a propósito do Everest, êles nada representam em comparação com a nossa qualidade comum de sêres humanos.

---

### *Anúncios Classificados*

ANÚNCIO em *News* de Frederick, Estado de Maryland: "ATENÇÃO. Peço à pessoa ou às pessoas que roubaram o meu equipamento de pesca o favor de voltarem e levarem o balde de lambaris que esqueceram. Na ocasião, darei a essas pessoas um pouco de chumbo que, quando retirado do corpo, pode ser usado como pêso para a linha. Dr. A. D. Flory, Thurmont, Maryland."

DE *Oregon Journal* de Portland: "Peço à senhora que comprou por preço irrisório uma máquina de lavar, que anunciei a semana passada no *Journal*, que me telefone: era a máquina de secar roupa que minha espôsa queria que eu vendesse!"

—Charles W. Morton, em *The Atlantic Bulletin*